

Resenha

JAPPE, Anselm. *A Sociedade Autofágica: capitalismo, desmesura e autodestruição*. São Paulo: Elefante, 2021, 336p.

Retomar a Anedota Pecuniária

Pedro Picelli¹

Recebido em: 13/03/2023

Aprovado em: 28/09/2023

1. “Anedota Pecuniária”, Machado de Assis e a modernização periférica.

Falcão, burguês sexagenário, revivia mentalmente o acontecimento de sua vida até então, quando do 14 de abril de 1870. Em “mangas de camisa”, “calça preta e gravata branca”, rememorava o ocorrido caminhando pela casa, erguida de frente para a praia da Gamboa (Assis, 2007, p.241). Há pouco havia vendido sua sobrinha Jacinta - órfã de pai e mãe e que criara desde muito moça. “Fiz mal – dizia ele –, muito mal. Tão minha amiga que ela era! Tão amorosa! Ia chorando, coitadinha! Fiz mal, muito mal... Ao menos, que seja feliz! (ibid).” Ele vendera a sobrinha por dez contos de réis unicamente para contemplá-los. Amava o dinheiro.

A história do homem era a história de seu roubo pela pecúnia, apesar de viver de migalhas (ibid). A parca riqueza de Falcão não se dava ao luxo, à ostentação ou à mera reprodução. Seu amor pelo metal era pelo que ele era em si mesmo, e não pelo

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, Brasil. E-mail: pedrocastropicelli@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6598-8273>

lhe renderia materialmente. Um objeto a ser contemplado, tal qual um espelho da própria existência do velho. Não o acumulava por acumular, queria admirá-lo. Todo e qualquer numo. A ponto de ter se deslumbrado com uma nota de cinco mil réis dada a dois garotos na rua por um transeunte em 1857. Os meninos apenas lhe perguntaram sobre a veracidade da cédula, bastando para provocar seu deslumbramento. “Dinheiro mesmo quando não é da gente, faz gosto ver” (ibid, p.242).

Os anos correram. Aos quarenta e cinco anos Falcão sentiu a “necessidade moral” de ter algum herdeiro. Um filho ou uma filha seria mirar um “patacão de ouro”. Todavia, ponderava o burguês, este “outro capital” deveria ter sido constituído mais cedo (ibid, p.242-3). Até lhe aparecer a sobrinha, Jacinta, enviada após a morte dos pais e começando a mandar no lar da Gamboa. Além da sobrinha, Falcão compartilhava da existência com Chico Borges. Proprietário de um trapiche e parceiro nos jogos. Aos quarenta e sete anos, Borges também se transformara em sócio na venda de ações que lhes prometiam devolver quarenta contos de réis em lucros. Um engano, pois a negociata viria a dar um prejuízo de vinte para os sócios. Entremeios, Borges e Jacinta aproximaram-se, posto que esta era companhia certa do tio nas noites de jogatina que ocorriam nas casas dos sócios. “Corresponderam-se, o namoro fez-se paixão” (ibid, p.243) e o homem pediu a mão da jovem. Falcão recusara o pedido de imediato, esfriando sua relação com o amigo e com a sobrinha².

Chico Borges, não contente com a negativa do amigo, tivera uma “inspiração de gênio” (ibid, p.244). Proporia custear todo o prejuízo das ações, em troca da permissão de Falcão para o matrimônio. O aceite não veio com a rapidez desejada pelo casal; no entanto, os velhos chegaram ao acordo e Falcão, aos 54 anos, viu a sobrinha se mudar para a Europa e o vazio se aproximar. “Cessara o terror dos dez contos; começara o fastio da solidão” (ibid, p.245). Por pouco tempo.

Logo após o episódio de abertura desta resenha, chegava Virginia à residência da Gamboa, outra sobrinha no auge da juventude. Dessa vez, Falcão se precaveu de todas as maneiras para que a história não se repetisse; “[...] começou por onde acabara da primeira vez – janelas cerradas, advertência às pretas, raros passeios, só com ele e de olhos baixos” (ibid, p.246). O tempo passara, Falcão adoeceu e Virgínia mandava na

² Justificou Falcão: “A paternidade natural dá forças para o sacrifício da separação; a paternidade dele era de empréstimo, e, talvez, por isso mesmo, mais egoísta” (Assis, 2019, p.xx)

casa. Inesperadamente, a jovem recebeu uma missiva de Nova York, assinada por Reginaldo. Homem de seus trinta anos e trezentos mil dólares que a moça conhecera em um dos ambientes frequentados com o tio - e desembarcado no Rio de Janeiro quarenta dias após a carta. O fato se repetiu: Reginaldo oferecera a Falcão sua coleção de moedas – nacionais e internacionais³ – compradas de um sujeito da Filadelfia em troca da mão de Virgínia.

Basta! – interrompe-me o leitor. Advinha o resto. Virgínia casou com Reginaldo, as moedas passaram às mãos de Falcão e eram falsas... Não, senhor, eram verdadeiras. Era mais moral que, para castigo de nosso homem fossem falsas; mas aí de mim! Eu não sou Sêneca, não passo de um Suetônio que contaria dez vezes a morte de César, se ele ressuscitasse dez vezes, pois não tornaria à vida, senão para tornar ao império Assis, 2007, p.249)

Este é o enredo de “Anedota Pecuniária” conto de Machado de Assis publicado na *Gazeta de Notícias* em 1883. Momento em que o escritor ficcionalizava o comportamento das classes dominantes em uma sociedade que se aburguesava repondo os signos do patriarcalismo escravista, sem generalizar os fenômenos de mercantilização. A solução do conto definitivamente não é dialética. Ela não oferece uma moral à narrativa pois figura os próprios dilemas da burguesa nacional frente às dinâmicas de modernização periférica. Não há moral possível que supere o privatismo das relações sociais. A história termina porque deve terminar.

A escolha estética e formal pela ausência do juízo moral do narrador às condutas da protagonista reorienta a pretensa imoralidade de Falcão, ajustando o *modelo ideológico à matéria social da periferia*. Em outras palavras, mobiliza tacitamente os constrangimentos a que as lógicas do dinheiro, do valor e da burguesia estiveram submetidas na periferia do capitalismo - provocando, inclusive, o leitor e a leitora do conto. Aí está o jogo com Sêneca e Suetônio, entre as cores locais e o sistema ideológico moderno. Em uma sociedade em que o capitalismo se realizou – e vem se realizando – de maneira truncada, contra e por meio da resistência sociopática às mudanças da classe dominante (Cf. Fernandes, 2020), a crítica a Falcão só poderia estar suspensa. Falcão tensiona, inclusive, os sentidos da pecúnia ao só admirá-la. Sem produzir uma

³ “Falcão mirou-as primeiro de um olhar universal e coletivo; depois começou a fixa-las especificamente” (Assis, 2019, p.xx).

síntese entre os valores “modernos” e os “arcaicos”, e, no entanto, combinando-os ao bel prazer. Tal qual uma *anedota*.

Isto é, um fato espírituoso do cotidiano que ocorre às margens de eventos tidos como importantes, mas que pode iluminar a análise sobre a totalidade. Me levando a pensar os argumentos de Anselm Jappe (2021) para a crise final da modernização à luz dos embaraços históricos da modernidade periférica.

2. “A Sociedade Autofágica”: pressupostos e diagnósticos de Anselm Jappe.

“A Sociedade Autofágica” é um livro que enfrenta questões, de fato, complexas. E assim o faz com erudição e habilidade. Anselm Jappe, filósofo de formação, recupera de maneira fina problemas teóricos de distintas áreas do conhecimento para formular sua crítica ao capitalismo contemporâneo. Em particular, ao interpelar as teorias do valor por meio da fortuna psicanalítica. O que lhe permite repensar o próprio espírito do capitalismo pelo que seria seu momento de crise “terminal”, a crise da forma-sujeito.

Para sustentar a hipótese, o autor constrói seu caminho argumentativo iluminando um problema clássico: o futuro capitalista que não haverá. Recobrado sucessivamente e sob o qual cada geração, em alguma medida, se debruçou para “descobrir sua missão, executá-la ou traí-la” (Fanon, 1968, p.171). Antes que seus encaminhamentos – com os quais tenho poucas discordâncias -, são seus pressupostos que me ressoaram com maior intensidade. De modo que esta resenha pretende tão somente enfrentá-los. Em razão das nuances argumentativas, optei por circunscrever determinadas passagens para não cometer incorreções, por exemplo, a respeito do debate psicanalítico. Por isso, ressalto sua perspectiva sociológica.

Interessa-me apontar as tensões entre o texto e minha *situação de leitura* (Cf. Williams, 1979). Como tentativa de sistematização dos efeitos da obra em um jovem sociólogo, atravessado intelectualmente por uma crise política, social, econômica e estética, que se estende no Brasil há, pelo menos, meia década. Uma entre tantas. Proponho pensarmos os sentidos possíveis que um livro – que, por mais que pareça ignorar, analisa o capitalismo hegemônico - ganha ao ser incorporado à reflexão sobre as condições de produção e reprodução da vida na periferia.

Dois são meus pontos de partida: os pressupostos teóricos que sustentam o modelo analítico de Jappe e os efeitos para a análise que se propõe de totalidade. Apanho-os pela dissonância que se estabelece na adoção do modelo teórico mobilizado pelo autor na tentativa de explicação de outras matérias sociais empiricamente observáveis no conjunto das sociedades capitalistas. Especificamente, as de capitalismo dependente, como o caso brasileiro – problema nada original para a sociologia nos trópicos.

O autor mobiliza as ideias sobre o colapso da modernização, elaboradas no balanço do neoliberalismo no decurso dos anos 1990 e recuperadas em especial do trabalho de Robert Kurtz⁴, para reafirmar o momento de autodestruição do capitalismo hodierno. Sua crise definitiva, posto que sua “fonte” – a “transformação do trabalho livre em valor” – estaria em paulatino esgotamento (Cf. Jappe, 2021). Expressando-se, sobretudo, na crise da forma-sujeito⁵. Compartilharíamos da *mesma* “deriva suicida”. Um movimento contínuo de autodestruição das estruturas econômicas que garantiram a reprodução das pessoas, dos elos sociais e de todos os modos de vida estranhos à sociedade capitalista. Uma vez que a sociedade mercantil estaria esbarrando em seus limites acumulativos (e, portanto, produtivos). Tornando o narcisismo como a “*formas universal*” (Cf. Jappe, 2021) de um momento que o capitalismo integrou gradualmente as classes dominadas em seu modo de vida.

O trabalho, categoria elementar para a explicação total da sociedade, teria de ser descentrado do modelo explicativo, visto não captar mais as especificidades da atual fase do capitalismo. Por consequência, a noção de luta de classes seria insuficiente para elucidar o processo de derrocada e triunfo do capital. Dado que para Jappe, o avanço global do sistema estaria solapando os resquícios socioeconômicos de formações pregressas. Coincidindo, portanto, com seu próprio conceito.

Se Anselme Jappe estiver certo, estaríamos a reboque ou na vanguarda do processo social? Qual o lugar da matéria social de Falcão no concerto do capital contemporâneo? Os princípios do modelo explicativo adotado não me parece ser absolutamente transponível ao mundo dos trópicos. Talvez não o seja para nenhuma

⁴ Ver: Kurtz, Robert; O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2ª edição, 1993.

⁵ Como define o próprio autor, “figura histórica particular” associada ao trabalho capitalista (Jappe, 2021, p.xx).

análise que tome as lutas sociais como núcleo da explicação sociológica e efeito do próprio processo de desenvolvimento do capital pelo globo. Apesar dos conflitos não serem os mesmos do passado.

Não por fraqueza do padrão explicativo, mas, fundamentalmente, porque seus pressupostos estão subordinados à realização empírica de um tipo de capitalismo expressada em seus efeitos políticos, sociais e subjetivos. E que observam processos pelos quais muitas sociedades não passaram e nem passarão dado o caráter de sua modernização – politicamente orientada na maioria das vezes. Ainda assim, elas seriam capazes de incorporar práticas e ideias que resultariam em formas de neuroses ou narcisismos. Todavia, fora de lugares, para lembrar Roberto Schwarz.

A despeito das conclusões do livro ecoarem nas condutas e valores exclusivistas da sociedade brasileira - pensadas pela intelectualidade nacional como um *ethos* desde os anos 1920 - elas dizem respeito ao exercício do *poder* por uma classe. Em sua estratégia de existência própria e de realização do capitalismo dependente⁶ em que a globalização se realizou cada vez mais. Em um mundo em que os fenômenos de modernização repõem arcaísmos e que a burguesia ainda tenta imaginá-lo como seu próprio reflexo – até mesmo freando ou obstaculizando os processos de acumulação tipicamente capitalistas. Como por exemplo, a generalização do trabalho livre e a expansão do consumo – “a lógica pura do valor - que para Jappe já teriam triunfado universalmente⁷.

Por aqui, nenhum laço social, lei moral ou política de Estado para proteção da vida se estruturou para que fosse possível afirmar seu triunfo como sintoma do colapso terminal do capitalismo. Ele está em curso, mas não por ter esgotado a exploração do trabalho livre. As crises do capitalismo, para nós ao sul do mundo, são anedotárias. Portanto, pouco dialéticas.

O que quero dizer, em síntese?

⁶ Ver Florestan Fernandes (2020).

⁷ “Cremos, ao contrário daqueles que defendem a perda de sentido e de significado do trabalho, que quando concebemos a forma contemporânea do trabalho, enquanto expressão do trabalho social, que é mais complexificado, socialmente combinado e ainda mais intensificado nos seus ritmos e processos, também não podemos concordar com as teses que minimizam ou mesmo desconsideram o processo de criação de valores de troca. Ao contrário, defendemos a tese de que a sociedade do capital e sua lei do valor necessitam cada vez menos do trabalho estável e cada vez mais das diversificadas formas de trabalho parcial ou part-time, terceirizado, que são, em escala crescente, parte constitutiva do processo de produção capitalista.” (Antunes, 2002, p.10).

Se o interesse de “A Sociedade Autofágica” está em qualificar o processo de derrocada global do sistema, a partir da relação entre modernidade, capitalismo e sociabilidade/subjetividade, me parece que lhe falta enfatizar a crise do *exercício do poder*. Elemento que permite compreender relacionalmente o estado de coisas no centro e na periferia a partir dos grupos de poder. Inclusive, tal ênfase é necessária para que seja compreensível que toda neurose, como mostrou Fanon, ou até mesmo o narcisismo, é resultado de uma “situação cultural” específica (Fanon, 2008, p135), pela qual a própria modernização segue ritmos e sentidos bem variados – sendo disputados pelos sujeitos de carne e osso –, marcados socialmente por raça, classe, gênero, sexualidade, faixa etária, etc.

Que não há futuro possível, me parece evidente. No entanto, a formulação de uma resposta para como sairemos do capitalismo e como poderemos substituí-lo (Jappe, 2021, p.289) precisa levar em consideração os faróis das experiências do capitalismo não hegemônico. Sobretudo para reorientar as próprias perguntas e pontos de partida das hipóteses. Aqui não há nenhum motivo de espanto; o mito torna-se apenas uma anedota corriqueira.

Se alguém tivesse dito a algum revolucionário, no início do século XX, que cem anos mais tarde deixaria de haver serviço militar, que a Igreja estaria quase ausente do debate público, que a família autoritária teria quase desaparecido, que as velhas distinções de classe já não seriam mais visíveis e que um negro e uma mulher poderiam dirigir uma escola ou um Estado, mas que, apesar disso, continuaríamos a ser governados pelo sistema capitalista e que haveria muito menos contestações radicais do que antes, esse revolucionário não teria acreditado (Jappe, 2021, p.290-1).

Eu me perguntaria, uma vez mais, onde isto ocorreu e por que seriam empecilhos lógicos ao capitalismo. Se a dimensão sociológica da explicação postula um caráter global e de totalidade, o modelo adotado não pode supor que a “particularidade histórica do capitalismo” tem sido a “generalização da forma-mercadoria” (Cf. Jappe, 2021). Tampouco que chegamos à sua crise derradeira após a “integração” das classes dominadas nos valores do regime competitivo. Sob o risco de desprezarmos experiências significativas na periferia do mundo, onde afirmar o declínio da empresa familiar em detrimento da racionalização da vida como condição do triunfo do capitalismo não parece plausível.

Assim, o *aspecto sociológico* do narcisismo - não conceber a igualdade entre os sujeitos - não seria uma novidade do tempo presente por aqui, nem indicativo da dialética triunfo-fracasso do capitalismo. Mas expressão da particularidade histórica com que o capitalismo se realiza também nas sociedades de herança colonial-escravista. Isto é, a situação específica em que a “divisão entre reprodução social e produção de mercadorias” (Fraser, Jaeggi, 2020, p.49) se dá. Tese importante de teóricas críticas feministas com que Jappe dialoga implicitamente, embora pareça ignorá-las, uma vez que não constam nem na bibliografia do livro.

A necessidade de uma grande teoria sobre a crise global do sistema implica levar em conta sua relação com as lutas sociais empreendidas no tecido social (Cf. Fraser, Jaeggi, 2020). A fim de contemplar as *diferenças* como partes de um mesmo processo histórico que não se desenvolve em uniformidade e que oferecem um ponto de vista original para o mesmo problema. Assim, “as contradições reais” ou “tendências sistêmicas de crise” são reabertas pelas “formas de conflito e luta que se desenvolvem em resposta a elas” (Cf. Fraser, Jaeggi, 2020). Os debates sobre raça, gênero, sexualidade, etc, passariam a operar impedindo que a dimensão econômica da teoria do valor se tornasse analiticamente restritiva em razão de seus próprios pressupostos.

O problema de como a riqueza é produzida deveria ser retomada como querela de trabalhos cada vez mais precarizados em sociedades com poucos direitos sociais. De onde o capitalismo ainda opera a transformação do trabalho – cada vez menos livre – em valor. Logo, o narcisismo e o fetichismo – objeto da reflexão de Anselm Jappe – precisariam ser caracterizados à luz da manutenção de formas de sociabilidade “não modernas” para o desenvolvimento do capital. A crise do poder seria a encarnação dos impasses entre a acumulação e a reprodução nas sociedades contemporâneas – expressada na realização particular da “*forma mentes universal*”. Problema que o anedotário social da modernização periférica, como o de Falcão, pode ajudar a iluminar.

Referências

- Assis, Machado de; 50 contos / Machado de Assis: seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Fanon, Frantz; Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____; Peles Negras, Máscaras Brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.
- Florestan Fernandes; A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica. Curitiba: Kottter Editorial; São Paulo: Editora Contracorrente; 2020.

Fraser, Nancy; Jaeggi, Rahel; Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica, São Paulo: Boitempo, 2020.

Querido, Fábio; O Colapso da Modernização Periférica: a fratura brasileira do capitalismo mundial. Revista Aurora, ano IV, número 6, 2010.

Williams, Raymond; Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.